

## **PORNOGRAFIAS.COM: AS CONVENÇÕES DO ALTPORN, ESPAÇO URBANO E REDES<sup>1</sup>**

**Carolina Parreiras<sup>2</sup>**

### **Resumo**

Neste paper, ainda que forma reduzida, discuto algumas questões desenvolvidas em minha tese de doutorado, cujo foco foi um dos nichos do mercado pornográfico: a pornografia online. Especificamente, o texto centra o olhar sobre a pornografia alternativa (altporn), mostrando os modos como ela está intimamente relacionada com os desenvolvimentos tecnológicos. Além disso, proponho pensar sobre algumas das convenções do altporn, bem como de que modo a produção de pornografia está diretamente relacionada com a ocupação do espaço urbano de São Paulo e a criação do que chamei de redes do alternativo.

### **Introdução**

O objetivo deste trabalho é discutir algumas questões que desenvolvi em minha tese de doutorado, cujo foco foi o amplo tema “pornografia online”. Neste sentido, meu intuito foi pensar a interface entre pornografia e internet, utilizando, para tal, a chamada pornografia alternativa (*altporn*). Ainda que a internet, desde suas origens, tenha sido associada à veiculação de produções pornográficas, meu foco foram os vídeos e fotografias associados ao

---

<sup>1</sup>Artigo apresentado ao Eixo Temático 05 – Gênero / Comunidades LGBTs / Feminismo do IX Simpósio Nacional da ABCiber.

<sup>2</sup>Carolina Parreiras é pós-doutoranda em Antropologia Social, na Universidade de São Paulo (USP) e doutora em Ciências Sociais, pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). A pesquisa que deu origem a este trabalho, contou com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

que se denomina de *netporn*, ou seja, produções produzidas e difundidas a partir dos avanços tecnológicos. De modo geral, o *netporn* se configura como um nicho de mercado diverso daquele representado pela pornografia mais convencional (ou *mainstream*). Dentro deste termo amplo, podem ser colocadas a pornografia alternativa e a pornografia amadora.

O *netporn* se caracteriza por representar pornografias próprias das plataformas e redes online. Alguns pontos são marcantes, quando se fala em pornografia produzida especificamente para a internet e que faz uso das possibilidades fornecidas pelas novas tecnologias: revisão das fronteiras entre produtores e consumidores, crescimento na quantidade de manifestações alternativas ou independentes, tentativa de modificação nas convenções do pornô mais convencional, referencial queer e não-normativo, busca de quebrar com práticas consideradas opressoras e encontradas no *mainstream* (exemplo é a pornografia feminista), resistência à comodização.

A partir desta divisão, o *altporn* pode ser entendido como um gênero diretamente atrelado ao desenvolvimento das novas tecnologias de conexão. Como mencionei acima, normalmente, são imputadas a ele algumas características. Apesar desta tentativa de agrupar as representações sob um mesmo rótulo, vale salientar que, nem sempre, todas as características elencadas devem estar presentes para que se dê o nome de pornografia alternativa. Há, assim, uma diversidade de enfoques possíveis para ser considerado ou não *altporn*.

Não é possível dizer, por exemplo, que toda pornografia alternativa não visa ser comercial ou gerar dividendos. O que ocorre é a formação de novos mercados com um público consumidor de cada um dos vários tipos de produções e das estéticas próprias de cada uma delas. O que a pesquisa de campo que originou minha tese mostrou, por exemplo, é que grande parte dos experimentos de pornografia alternativa envolvem algum tipo de relação comercial, ainda que seja para apenas manter os sites de veiculação no ar. Também

encontramos relações monetárias no pornô alternativo, visto que todos os atores e atrizes são remunerados por seu trabalho.

Se formos buscar a origem da pornografia alternativa, precisamos voltar até aquela que é considerada a mais bem sucedida <sup>3</sup>produtora de representações de *altporn*: Suicide Girls. Criado em 2001, na Califórnia, o Suicide Girls tem como proposta quebrar com estereótipos de beleza (especialmente os ditados pela indústria da moda) e, deste modo, ressignificar o que é entendido como pornografia. Palavras como “estranho”, “fodido” e “esquisito<sup>4</sup>” são usadas para na descrição do site, o que corrobora sua intenção: ir além dos referenciais *mainstream*, propondo uma pornografia mais abrangente e que reconheça outros corpos e outras estéticas.

Uma breve descrição do site, ajuda a compreender seus propósitos. Estão disponíveis diversos perfis de mulheres, de diferentes partes do mundo. Cada perfil conta com muitas fotos, alguns vídeos e descrições, que incluem gostos, hábitos e estilo de vida de cada uma. O ponto em comum entre estes perfis é o fato de se diferenciarem dos padrões da beleza mais convencional: não necessariamente são corpos magros, há uma ênfase em corpos tatuados e com piercings e a releitura de categorias tradicionais, como as pinups (em alguns momentos, aparece o termo “pinups pós-modernas”).

Ainda que seja um site que se reconhece como pornográfico, é interessante notar que não se trata de pornografia *hardcore*, mas sim, de um repositório de fotos e vídeos *softcore*. Não há, por exemplo, vídeos interativos ou com sexo explícito.

A análise mais aprofundada do Suicide Girls mostra que, ainda que se proponha a realizar um tipo diferente de exibição pornográfica e que, neste processo, seja de fato um site

---

<sup>3</sup> Cabe ressaltar que a primeira manifestação *altporn* reconhecida como tal é o site *The Strange Girl*. Para mais informações, ver Bilton (2010).

<sup>4</sup> Estas palavras estão no item “About” do site.

mais inclusivo, é possível notar exclusões. Como aponta, Magnet (2007), há sim uma erotização de símbolos de uma “feminilidade desviante” e que quebra com as convenções tradicionais associadas às mulheres. No entanto, é notável que há um privilégio de corpos brancos. O corpo negro, quando aparece, é exotizado.

Ainda em relação à ideia de alternativo, os estudos sobre o tema parecem ser unânimes quanto a dois pontos específicos. O primeiro deles é que há, nas produções alternativas, uma tentativa de quebrar com as convenções da pornografia *mainstream*. Este objetivo vem da percepção de que, no pornô mais convencional, uma série de corpos, desejos, atos sexuais e prazeres não estão incluídos. Há um script a ser seguido e ele, por vezes, é bastante excludente.

O segundo ponto em comum é o uso constante das novas tecnologias, seja com equipamentos ou por meio da internet, com suas possibilidades interativas e produtivas. Ao contrário do que se vê no pornô *mainstream*, há uma ressignificação da própria ideia de produção, sendo que, por vezes, apenas um celular com câmera e acesso à web são o bastante. Deste modo, falar em pornografia alternativa é tratar de um gênero de produções que surge com base nos avanços tecnológicos e que deles se apropria de diferentes modos.

Algumas perguntas norteiam esta proposta: em que momento e sob que condições, podemos falar de pornografia alternativa no Brasil? Quais são suas convenções, estéticas e com que scripts e normatividades opera? Como pornografia, tecnologia, redes sociais, gênero e sexualidade se relacionam? E como o espaço urbano aparece nesta pesquisa? De forma breve, pretendo responder a estas questões, por meio dos achados etnográficos de minha pesquisa.

**A XXP**

Todas as reflexões se baseiam em meu trabalho de campo etnográfico com a XXP, única produtora do gênero alternativo no Brasil. Criada, em 1998, em São Paulo, a produtora era inicialmente uma iniciativa de três amigos, que gostavam de pornografia, e resolveram, com uma câmera emprestada, criar alguns vídeos.

Nos anos 2000, esta brincadeira inicial se torna um negócio. A internet foi fundamental em todo este processo, porque servia tanto para chegar a atrizes quanto para divulgar os materiais produzidos. No início, o nome alternativo não era empregado. Isto só ocorreu em 2006, quando lançaram um vídeo que classificam como a primeira produção oficial de pornografia alternativa no Brasil. O rótulo alternativo é algo que acompanha todas as empreitadas da produtora, não apenas relativas à pornografia, mas até mesmo nas relações com estabelece com parceiros. A descrição, contida no site, nos dá algumas pistas para compreender o sentido de alternativo:

*A XXP é a reunião de três caras e diversos grupos de pessoas que juntos produzem pornografia. Nada do que fazemos é arte. Podemos nos apropriar do trabalho de outros artistas, mas tudo que passa por aqui se transforma em pornografia. Ignoramos o que chamam de erotismo ou nudez artística. O erotismo é a pornografia dos oprimidos. (...). Acreditamos em conexões, por isso contamos com outras pessoas e grupos para tornar tudo o que fazemos mais interessante: bandas, estilistas, poetas, prostitutas, webdevelopers, escritores, amigos bêbados, jornalistas, strippers, designers, dançarinas, engolidoras de fogo, fotógrafos, atrizes e atores da indústria pornográfica, camelôs, locutores, videomakers, enfim, uma revoada de desajustados. (Descrição disponível no site da XXP no momento em que iniciei o trabalho de campo).*



Desde então, a XXP passou por algumas reestruturações. A primeira delas foi a mudança do site. Quando comecei a pesquisa, o site se assemelhava mais a um blog e era necessário pagar individualmente para assistir aos vídeos. No novo site, foi introduzido o pagamento de assinatura, além de uma ênfase especial às parcerias (com bandas, sites, produtores, artistas), todas elas com pessoas ou empresas ligadas ao chamado alternativo.

Outra modificação fundamental foi a alteração do logotipo de produtora. Inicialmente, lia-se “Adulterando o submundo”. Após a reformulação do site, o logo passou a ser “Conectando o submundo”. Apenas estes dois logos já nos dão indícios de como se formam e se desenvolvem o que chamei na tese de redes do alternativo.

Por detrás do empreendimento, há a vontade de criar em torno do pornô alternativo uma comunidade de pessoas que partilham de certas ideias e apreciem de uma determinada estética. Isto é visível tanto no site, quanto nas interações que estabelecem nas redes sociais, especialmente no Twitter.

Como era de se esperar de uma produtora de um gênero diretamente atrelado aos desenvolvimentos tecnológicos, há perfis constantemente atualizados em grande parte das

redes e mídias sociais: Twitter, Facebook, Foursquare, Tumblr, Vimeo, Twitpic, Yfrog, YouTube e Instagram.

Creio ser válido um aparte sobre o Twitter da XXP. Isto porque, ele foi fundamental para a realização da pesquisa de campo e para que eu conseguisse traçar uma rede de relações que interligava diferentes pessoas ligadas ao mercado erótico mais amplo. Ao longo dos quase dois anos de incursão empírica, acompanhei de perto todas as postagens realizadas por Rufus, o fundador da produtora, bem como, em muitos momentos, interagi com o @XXP e outros perfis a ele ligados.

Em primeiro lugar, o Twitter foi um modo de publicidade para a marca XXP. Apesar de alternativa, a produtora é um negócio. Existem relações de trabalho envolvidas, sendo que as pessoas que trabalham nas produções recebem algum tipo de compensação material, seja um cachê, um contrato de prestação de serviços ou um salário.

Além disso, o Twitter funciona como um divulgador gratuito dos trabalhos realizados por eles. Uma vantagem de utilizá-lo é a possibilidade de atingir uma grande quantidade de pessoas, graças não apenas aos seguidores diretos. Como mostram Marwick e boyd (2010), todo participante de um ato comunicativo tem uma audiência imaginada (imagined audience). Com o advento da social media, a questão de audiência se torna uma questão de grande interesse, visto que há uma desestabilização de categorias como tempo e espaço e, portanto, o alcance, pelo menos teoricamente, é muito maior. Ao permitir uma apresentação dinâmica e interativa, o Twitter cria a possibilidade de que as postagens cheguem à audiências desconhecidas e não previstas. Como não existe obrigatoriedade no ato de seguir – posso seguir alguém, mas o funcionamento do programa não exige que ela me siga -, por vezes, é complicado medir até onde uma mensagem postada pode chegar.

O que a pesquisa de campo mostrou é que a internet não é apenas a maior aliada para a produção de vídeos, imagens e a conseqüente construção de um nicho específico de

pornografia. Ela também é utilizada como modo de agregar pessoas, estabelecer relações, compartilhar fatos cotidianos, realizar publicidade de produtos. Como afirma Bilton (2010), o pornô sempre funcionou como *test drive* de novas mídias e o mesmo se dá com a internet. A XXP se utilizou das muitas possibilidades do online para criar e legitimar um mercado em torno de suas produções. Além disso, passou a ditar um estilo de vida que funciona como agregador de pessoas, criando redes que extravasam o pornográfico e o online.

### **Convenções da pornografia alternativa e espaço urbano**

Proponho neste item um olhar detido sobre as convenções que particularizam o gênero *altporn*: os padrões de corpos, com ênfase nas modificações corporais (tatuagens e *piercings*); a centralidade das mulheres; as cenas e performances, com o privilégio de estéticas fetichistas, BDSM e o uso de *sex toys*; e os limites entre realidade representação, com a exibição de gravações em tempo real e as apropriações muito particulares do espaço urbano por meio da tecnologia e do erotismo/pornografia. Tudo isto nos permite pensar sobre as convenções de gênero e sexualidades encontradas neste ramo de produções pornográficas.

Este texto aborda questões que vão desde os usos do aparato tecnológico, passando pelas circulações no espaço urbano, até o entendimento do que caracteriza e singulariza o *altporn* enquanto gênero.

O primeiro ponto sobre o qual gostaria de chamar atenção, é a exibição de corpos diversos daqueles encontrados na pornografia *mainstream*. Claramente há a busca de se diferenciar das representações pornográficas mais convencionais e dos padrões de beleza consagrados pela moda. Assim, são mostrados nos vídeos e fotos, corpos que dificilmente seriam encontrados em filmes pornográficos tradicionais. Há a mensagem de que as diferenças são bem-vindas no pornô alternativo e elas podem ser sim mostradas.



Ao analisar detidamente o arquivo de fotos e vídeos e acompanhar as gravações, é possível perceber algumas recorrências: quase todas as atrizes possuem modificações corporais – tatuagens e *piercings* – e não precisam necessariamente ser magras ou se enquadrar nos, já citados, padrões de beleza mais convencionais.

Há, no *altporn* produzido pela XXP, uma erotização das modificações corporais: *piercings*, tatuagens e escarificações funcionam como elementos que buscam causar excitação sexual e incitar prazeres e fantasias.

Ter o corpo coberto por tatuagens e *piercings* é um fator individualizante dentro de um gênero convencionalmente conhecido por trazer mulheres com corpos esculturais, plásticas e implantes de silicone diversos. Ainda que todas estas possam ser consideradas práticas de modificação corporal, no pornô alternativo, saem os silicones e as cirurgias estéticas e entram, no cálculo, tatuagens e *piercings*.

Do mesmo modo, o pornô alternativo também possui coreografias e atos sexuais muito próprios e que o diferenciam de outros nichos. Em linhas gerais, três características estão presentes na grande maioria dos vídeos e fotografias: o uso de referências fetichistas e do BDSM<sup>5</sup>; a prevalência de cenas entre mulheres (solo ou acompanhadas); e a ampla utilização de *sex toys* e outros instrumentos.

No mercado pornográfico, existem nichos específicos e muito variados de produções. Dentre elas, podemos localizar a chamada pornografia fetichista. Alguns traços são marcantes, em especial, o entendimento de que são retratados prazeres considerados dissidentes ou à margem. Em grande parte do material produzido pela XXP, podem ser encontrados fetiches, tais como, a podolatria, o *smoking fetish*, sadomasoquismo, bondage, dominação/submissão. A presença de certos acessórios e instrumentos deixa bastante clara esta vinculação à pornografia fetichista: chicotes, roupas, cigarros, lingerie, botas, látex, cigarros, salto alto, gags, algemas, cordas.

---

<sup>5</sup> Sigla para Bondage, dominação, sadismo/submissão, masoquismo. Para mais informações ver Gregori (2010).

Assim, há uma preocupação de exibir diferentes corpos e, neste processo, mostrar seu caráter construído, moldado, inventado e reinventado. As mulheres são colocadas no centro, sendo que aí pode ser encontrado o lado mais político da XXP. Os prazeres e fantasias das mulheres contam e devem ser encenados. Do mesmo modo, as atrizes não são definidas apenas por seus corpos, mas têm voz ativa e são empoderadas nas produções. Privilegia-se a estética fetichista e BDSM, mostrando serem muitos os prazeres possíveis. E, por fim, há a brincadeira constante com os limites entre realidade e representação, com a crença subjacente de que qualquer um, munido de uma câmera (seja ela qual for) pode se tornar um produtor de pornografia.

Como tentei deixar claro até aqui, a XXP mantém um estreito relacionamento com as tecnologias e delas se utiliza, de muitos modos, para a produção e veiculação dos materiais. Estes usos são um dos pontos que permitem diferenciá-la de outros gêneros pornográficos, visto que utilizar o online não se resume simplesmente a fazer deste espaço um depósito de produções. Para além da montagem de um acervo e para o comércio do mesmo, a internet é aproveitada para interação, circulações, conexões, criação de redes e, também, para colocar em questão os limites do que é mostrado e visibilizado na pornografia. Isto fica claro especialmente com o privilégio da transmissão em tempo real de cenas pornográficas.

Ao transmitir a gravação de uma cena, a XXP trabalha com esta ideia: é possível agregar, em um site, ao mesmo tempo, pessoas de diferentes origens espaciais. Ao assistirem às imagens, os espectadores criam representações diferentes daquelas geradas por vídeos e fotografias já editados. Neste percurso, há uma aproximação dos consumidores com os objetos de consumo e, também, o questionamento dos limites entre produção e consumo.

Por fim, além de pensar especificamente nas convenções de gênero e sexualidade encontradas, mostro quais são as apropriações do espaço urbano, as quais colocam em relação lugares, tecnologia e pornografia (e, conseqüentemente, estas convenções). Deste modo, o

primeiro ponto é a materialidade e a mobilidade da tecnologia. Algo notável, durante todo o trabalho de campo, foi o uso constante das mais diversas tecnologias, por eles, mas também por mim. Trabalho, então, com a infinidade de telas que foram aparecendo, não apenas a do computador, onde imagens e vídeos são exibidos, mas também telas de smartphones, tablets e câmeras. Em relação à mobilidade, a discussão está centrada nas ferramentas, programas e aplicativos de geolocalização e no modo como estes foram utilizados pelos meus sujeitos de pesquisa (e por mim) em seus deslocamentos e trajetórias. Reflito sobre as imagens da cidade que aparecem nestes deslocamentos. Para tal, analiso as muitas imagens que eles postam constantemente em programas específicos para isso (especialmente o Instagram e o Foursquare) e de que modo a cidade e seus trajetos são apresentados. Por fim, proponho uma discussão sobre os conceitos de submundo e subcultura, mostrando que, para entender a XXP, é necessário pensar em redes do alternativo e na ideia de estilos.

Em linhas gerais, fazer pornografia implica também em traçar caminhos e andanças pelo espaço urbano e pelo online e, nestes percursos, estabelecer relações e parcerias. Com a mediação da tecnologia, os integrantes da XXP caminham e se deslocam pela cidade de São Paulo, sendo que vão, nestes trajetos, criando narrativas e relatos – textuais e imagéticos - sobre cada lugar. Estas narrativas passam, assim, a compor a história de cada um destes lugares e fazem parte de suas construções e desconstruções.

Ao ocuparem prioritariamente espaços do Centro e do Baixo Augusta (normalmente associados à diversidade de grupos de pessoas), aparece a ideia de submundo, o agregador de estilos e de estéticas alternativos. Mas, assim como os sujeitos, as tecnologias e os espaços são fluidos, as categorias e definições também o são. Submundo é, então, um termo nativo que poderia ser melhor expresso se pensarmos em redes de relações – as redes do alternativo. São estas redes que tornam possível eventos como o PopPorn Festival e a própria existência da XXP.

A XXP é uma produtora de pornografia alternativa, é parte do mercado pornográfico, mas extravasa estas definições. Com seus experimentos e ações, ela une em torno de si pessoas, práticas sexuais, desejos, fantasias, estilos de vida, estéticas e espaços. Contar sua história é contar muitas outras histórias paralelas, que passam pelas trajetórias de vida de seus criadores e produtores e pelas muitas conexões que foram sendo construídas ao longo dos anos. Há uma pretensão de representar o subversivo e o transgressor, de ir contra o senso comum e a pornografia *mainstream*, mas não se descarta utilizar referências que venham de qualquer um deles, seja como reiteração ou como crítica.

Assim, por mais que exista uma lista de características normalmente imputadas ao gênero pornográfico alternativo, não acredito que elas explicam tudo ou que serão encontradas invariavelmente em qualquer manifestação que receba este rótulo. Por este motivo, resolvi destrinchar os vídeos e fotografias, buscando perceber as recorrências, os roteiros, as práticas, os movimentos e tudo aquilo que pudesse definir o significado de altporn para a XXP.

**Palavras-chave:** pornografia; cibercultura; gênero; corporalidades; cidade

### **Referências bibliográficas**

ALDRED, R. & JUNGnickel, K. Constructing Mobile Places Between 'Leisure' and 'Transport': A Case Study of Two Group Cycle Rides. In: *Sociology*. n° 46 (3), 2012.

ATWOOD, Feona. No money shot? Commerce, Pornography and New Sex Taste Cultures. In: *Sexualities*. [online]. 2007, vol 10 (4, p.441-456. Disponível em: <http://sexualities.sagepub.com/cgi/content/abstract/10/4/441>.

\_\_\_\_\_. **Porn.com**. Making sense of online pornography. New York: Peter Lang, 2010.

BILTON, Nick. *I Live in the Future & Here's How It Works*. New York: Crow Business, 2010.

boyd, danah & ELLISON, N. Social Network Sites: definition, history, and scholarship. In: Journal of Computer Mediated Communication, vol 13, nº1, 2007.

CHAPKIS, Wendy. **Live sex acts**. Women performing erotic labor. New York: Routledge, 1997.

CRUZ, Edgar Gomez. **De la cultura Kodak a la imagem en red**. Uma etnografia sobre fotografia digital. Barcelona: Editorial UOC, 2012.

GREGORI, Maria Filomena. Prazeres Perigosos. Erotismo, gênero e limites da sexualidade. Tese de livre-docência. IFCH/Unicamp, 2010.

JUNGNICKEL, Katrina. Exhibiting ethnographic knowledge; Making sociology about makers of technology. In: **Street Signs**, spring 2010.

\_\_\_\_\_. Urban Tapestries: sensing the city and other stories. In: **Proboscis**, nº8, 2004.

MANOVICH, Lev. **The Language of New Media**. Cambridge: MIT Press, 2000.

MARSHALL, Jonathan. Gender in online worlds: an introduction. **Transforming Cultures & Journal**, vol.2, nº2, 2007.

PARREIRAS, Carolina. **Sexualidades no pontocom**: espaços e (homo)sexualidades a partir de uma comunidade online. Dissertação de mestrado. IFCH/Unicamp, 2008.

RUBIN, Gayle. Thinking sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality. In: VANCE, Carole (ed). **Pleasure and Danger**: Exploring Female Sexuality. London: Pandora. 1984. 267-293.